

Manual para Implantação de Educação Bilíngue em Municípios

Lições da Experiência de Pilar (AL)

DEP. ESTADUAL
**FÁTIMA
CANUTO**



Systemic
The Bilingual Program

Manual para Implantação de Educação Bilíngue em Municípios

Lições da Experiência de Pilar (AL)

Ficha técnica

Prefeitura Municipal de Pilar

Renato Filho - Ex-prefeito de Pilar

Clewinho Cavalcante - Secretário de Educação de Pilar

Fátima Canuto - Deputada Estadual por Alagoas

Systemic Bilingual

Vanessa Tenório - Fundadora e CEO

Anatevka Guedes - Diretora Acadêmica

Produção e Desenvolvimento

Claudia Leite - Jornalista

Ana Paula Marques - Jornalista

Giselle Coutinho - Designer Gráfico



Manual para Implantação de Educação Bilíngue em Municípios

Lições da Experiência de Pilar (AL)

Apresentação

PARTE I



A decisão política e a construção da política pública

1. Introdução
2. A decisão que muda tudo
3. Articulação institucional
4. Educação integral como estratégia de inclusão e permanência
5. Apoio às famílias como eixo da política educacional
6. Sustentação e continuidade: quando o projeto vira legado



Organização da Rede e da Escola

7. O papel da Secretaria Municipal de Educação

- Estrutura de governança do programa
- Coordenação pedagógica do bilíngue
- Monitoramento e avaliação

8. Organização da escola bilíngue

- Estrutura da escola de tempo integral
- Integração do programa bilíngue à rotina escolar
- Cultura institucional da escola bilíngue

9. Projeto Político Pedagógico da escola bilíngue

- Adequações necessárias no PPP
- Integração curricular
- Cultura pedagógica bilíngue

10. Organização curricular

- Carga horária em língua inglesa
- Componentes curriculares ensinados em inglês
- Integração com a Base Nacional Comum Curricular

11. Avaliação da aprendizagem no programa bilíngue

- Avaliação de competências linguísticas
- Avaliação acadêmica em inglês
- Instrumentos de acompanhamento do progresso dos alunos

12. Seleção e gestão de professores

- Diagnóstico de professores da rede
- Possibilidades de aproveitamento de professores da rede
- Processos seletivos simplificados (PSS)

PARTE III

Implementação Pedagógica do Programa Bilíngue

13. O papel da parceria pedagógica especializada

- Por que contar com uma instituição especializada

14. A metodologia pedagógica

- Fundamentos da metodologia Systemic
- Integração entre língua e conteúdo
- Desenvolvimento linguístico e cognitivo dos estudantes

15. O currículo bilíngue

- Estrutura curricular
- Integração interdisciplinar
- Progressão de aprendizagem

16. Planejamento pedagógico

- Planos de aula estruturados
- Sequências didáticas
- Integração com o currículo da rede

17. Formação inicial de professores

- Preparação pedagógica e linguística
- Imersão metodológica
- Construção da cultura pedagógica bilíngue

18. Formação continuada

- Desenvolvimento profissional contínuo
- Atualização pedagógica
- Comunidades de aprendizagem docente

19. Acompanhamento pedagógico contínuo

- Assessoria pedagógica semanal
- Observação estruturada de aulas
- Feedback formativo aos professores
- Orientações para desenvolvimento docente

20. Recursos pedagógicos

- Material didático
- Materiais de apoio
- Recursos multimodais de aprendizagem

21. Plataformas digitais

- Ferramentas para professores
- Ferramentas para alunos
- Monitoramento de aprendizagem

Considerações Finais

A importância da continuidade das políticas educacionais

O papel da liderança política e pedagógica

O futuro da educação bilíngue na rede pública brasileira

Apresentação



A construção de uma política pública de educação bilíngue na rede municipal é um processo que envolve escolhas, planejamento e articulação. Não se trata apenas de adotar um novo modelo pedagógico, mas de estruturar uma proposta capaz de dialogar com a realidade local, ampliar oportunidades e garantir condições concretas para que o aprendizado aconteça.

Este manual nasce da experiência do município de Pilar, em Alagoas, que implantou uma escola pública bilíngue em tempo integral a partir de uma decisão política alinhada a uma visão de futuro. Ao longo desse percurso, o município estruturou uma iniciativa que integra inovação pedagógica, organização da rede de ensino e cuidado com os estudantes e suas famílias, demonstrando que é possível desenvolver uma política educacional consistente mesmo em contextos desafiadores.

O material foi organizado com o objetivo de orientar gestores públicos, equipes técnicas e profissionais da educação que desejam implementar ou aperfeiçoar políticas de educação bilíngue em suas redes. A proposta é apontar caminhos, aprendizados e referências que podem ser adaptados a diferentes realidades.

Na primeira parte, o leitor encontrará a dimensão política da implantação, com destaque para o papel da liderança, da articulação institucional e da continuidade das ações. A segunda parte aborda a organização da rede e o papel da Secretaria de Educação na estruturação e sustentação do programa. Já a terceira parte apresenta a metodologia adotada, detalhando os princípios e práticas que orientam o ensino bilíngue no contexto da rede municipal.

Ao percorrer estas páginas, o leitor terá acesso não apenas a diretrizes, mas a uma experiência concreta de gestão pública, construída a partir da prática.

Ao final, este manual reafirma uma convicção: a educação pública bilíngue não deve ser tratada como exceção ou privilégio, mas como possibilidade real dentro das redes municipais. Quando estruturada com intencionalidade, articulação e compromisso, ela se torna uma ferramenta poderosa de equidade, ampliando horizontes e garantindo que mais estudantes tenham acesso a uma formação conectada com o mundo.

PARTE 1

A decisão política e a construção da política pública



1. Introdução

A implantação de uma política pública de educação bilíngue na rede municipal não começa apenas na sala de aula. Também não se inicia somente no currículo, na metodologia ou na estrutura física das escolas.

Ela começa na decisão.

Este manual parte da experiência concreta do município de Pilar (AL), que estruturou uma escola pública bilíngue em tempo integral a partir de uma escolha política clara: investir na educação como instrumento de transformação social e ampliação de oportunidades.

Ao longo desse processo, tornou-se evidente que a viabilidade de um projeto dessa natureza não depende, prioritariamente, de condições ideais. Ela está diretamente relacionada à capacidade de liderança, à articulação entre instituições e ao compromisso da gestão pública em sustentar uma agenda educacional estratégica.

Pilar, um município com cerca de 35 mil habitantes, situado na Região Metropolitana de Maceió, construiu uma política integrada que combina inovação pedagógica, ampliação da jornada escolar e cuidado com os estudantes e suas famílias, partindo do entendimento de que aprendizagem e proteção social caminham juntas.

Com localização estratégica e um processo consistente de crescimento nos últimos anos, impulsionado pelo desenvolvimento industrial e logístico da região, o município vem se consolidando como um território que investe de forma estruturada em políticas públicas, especialmente na área da educação. Nesse contexto, a implantação da escola bilíngue em tempo integral não surge como uma ação isolada, mas como parte de uma agenda mais ampla de qualificação

da rede municipal de ensino e de ampliação de oportunidades para crianças e adolescentes.

Esta primeira parte do manual tem como objetivo explicitar esse ponto de partida: o papel da dimensão política na criação, viabilização e sustentação de uma escola bilíngue na rede pública.

A experiência apresentada demonstra que, ao alinhar vontade política, articulação institucional e compromisso com a continuidade, é possível transformar uma ideia em política pública, e uma política pública em referência.

2. A decisão que muda tudo

Nenhum programa de educação bilíngue no setor público começa pela metodologia, pela estrutura ou pelo currículo. Ele começa por uma decisão.

No município de Pilar (AL), a implantação da escola bilíngue foi resultado direto de uma escolha estratégica da gestão municipal, liderada pelo então prefeito Renato Filho, que compreendeu a educação como vetor de transformação social e decidiu apostar em um modelo inovador dentro da rede pública.

A proposta não surgiu de uma condição ideal, surgiu de uma intenção clara: oferecer aos estudantes da rede municipal acesso a uma educação de qualidade, alinhada às demandas contemporâneas e capaz de ampliar horizontes.

Esse é o primeiro ponto que precisa estar claro para qualquer gestor:

Não existe cenário perfeito para começar. O que existe é decisão política.

Sem essa decisão, o projeto não sai do papel. Com ela, os caminhos passam a ser construídos.

3. Articulação institucional

A vontade política, por si só, não sustenta um programa. Ela precisa se desdobrar em articulação institucional para se tornar política pública.

Em Pilar, a implantação da escola bilíngue só foi possível porque houve alinhamento entre diferentes atores da gestão:

- Poder Executivo, com a liderança do prefeito;
- Secretaria Municipal de Educação, conduzida pelo secretário Clewinho Cavalcante, responsável por estruturar e operacionalizar o projeto;
- Poder Legislativo, com apoio fundamental por meio de emendas parlamentares, especialmente da deputada Fátima Canuto.

Não se trata apenas de autorizar a implementação, mas de garantir condições para que ela aconteça, seja por meio de orçamento, normativas, apoio técnico ou sustentação institucional.

A articulação entre Executivo, Secretaria e Legislativo cria um ambiente de segurança para o programa, reduz riscos de descontinuidade e fortalece sua legitimidade.

Quanto mais articulado o projeto, maiores as chances de ele se consolidar.

4. Educação integral como estratégia de inclusão e permanência

A experiência de Pilar demonstra que a implantação de uma escola bilingue na rede pública vai além da inovação pedagógica. Trata-se também de uma estratégia de inclusão social.

Desde sua criação, a escola foi estruturada como unidade de **tempo integral**, com uma jornada ampliada que combina ensino acadêmico, atividades complementares e desenvolvimento integral dos estudantes.

Nesse modelo, o estudante não permanece apenas mais tempo na escola, ele passa a ter acesso a um ambiente completo de aprendizagem e cuidado.

Um dos diferenciais mais relevantes é a oferta de cinco refeições diárias, garantindo segurança alimentar e condições adequadas para o desenvolvimento dos alunos.

Esse aspecto, muitas vezes tratado como operacional, é na verdade estratégico.

Em contextos de vulnerabilidade social, a permanência do estudante na escola está diretamente relacionada à capacidade do poder público de oferecer suporte real às famílias. A alimentação, nesse cenário, cumpre múltiplas funções:

- contribui para o desenvolvimento físico e cognitivo dos estudantes
- reduz a evasão escolar
- alivia a pressão socioeconômica sobre as famílias
- fortalece o vínculo entre aluno e escola

A escola bilingue de Pilar parte do princípio de que não há aprendizagem de qualidade sem condições básicas garantidas.

5. Apoio às famílias como eixo da política educacional

Outro ponto central da experiência de Pilar é a compreensão de que a política educacional não pode se limitar ao aluno, ela precisa alcançar também sua rede de apoio.

A estrutura da escola em tempo integral, associada à oferta de alimentação e acompanhamento pedagógico contínuo, cria condições para que as famílias tenham mais segurança em relação à permanência dos filhos na escola ao longo do dia.

Isso impacta diretamente:

- a rotina de trabalho dos responsáveis
- a redução da exposição das crianças a situações de risco
- o engajamento familiar com o processo educativo

Ao mesmo tempo, o programa fortalece a relação entre escola e comunidade, com acompanhamento constante, comunicação ativa e participação das famílias no desenvolvimento dos estudantes, além de auxílios sociais.

6. Sustentação e continuidade: quando o projeto vira legado

A diferença entre uma ação pontual e uma política pública está na sua capacidade de se sustentar ao longo do tempo.

A experiência de Pilar mostra que a educação bilíngue não se consolidou apenas porque foi implantada, mas porque foi assumida como prioridade da gestão.

Isso implica:

- garantir continuidade administrativa, mesmo diante de mudanças
- institucionalizar o programa dentro da Secretaria de Educação
- integrar o projeto às diretrizes da rede municipal
- manter diálogo constante com a comunidade escolar

Mais do que um projeto de governo, a escola bilíngue passa a ser uma política de Estado no âmbito municipal.

PARTE 2

Organização da Rede e da Escola



Uma política de educação bilíngue não se sustenta apenas por força da decisão política: ela precisa de estrutura. E isso não significa necessariamente uma sede nova, uma secretaria separada ou recursos extraordinários, mas organização, clareza de papéis e uma rotina escolar que funcione de verdade.

Esta seção trata exatamente disso: como a Secretaria Municipal de Educação deve se posicionar para dar suporte ao programa, como a escola se reorganiza internamente para abrigar o bilíngue e quais são as decisões práticas que fazem do projeto uma política que se consolida ano a ano.

A experiência de Pilar (AL) mostrou que é possível construir uma escola bilíngue pública de referência mesmo sem ter todas as condições ideais de partida. O que não pode faltar é método — e disposição para aprender ajustando no caminho.

7. O papel da Secretaria Municipal de Educação

A Secretaria Municipal de Educação é o centro nervoso de qualquer programa de educação bilíngue no setor público. Não é a escola que garante a continuidade do projeto: é a secretaria.

A escola executa; a secretaria sustenta, monitora e dá as condições para que a execução aconteça. Confundir esses papéis é um dos erros mais comuns observados em municípios que tentam implantar o bilíngue sem um modelo de governança claro.

Estrutura de governança do programa

O primeiro passo é definir quem, dentro da secretaria, é o responsável direto pelo programa bilíngue. Não no sentido de culpabilidade quando algo dá errado, mas no sentido de referência técnica e operacional: a pessoa que acorda pensando

no programa, acompanha os indicadores, faz a ponte entre a escola e a gestão municipal, e que tem autoridade para resolver os gargalos cotidianos.

Em Pilar, esse papel coube à Diretoria de Ensino da Secretaria Municipal de Educação, com suporte de outros setores da rede – nutrição, gestão administrativa, saúde escolar – que já existiam e foram mobilizados para atender também a escola bilíngue.

A lição aqui é importante: o programa bilíngue não precisa de uma estrutura paralela e apartada do restante da secretaria. Ele precisa estar bem conectado à estrutura já existente, com um ponto focal claro.

A articulação interna entre a Secretaria de Educação, a Secretaria de Licitações e o setor jurídico é determinante para a agilidade na implementação. Tratar o bilíngue como um projeto de todos, e não como responsabilidade exclusiva de um único setor, facilita as decisões e evita travamentos burocráticos.

A recomendação prática é estruturar um núcleo de gestão do programa com pelo menos três funções bem definidas:

- **coordenação técnico-pedagógica**, que responde pela qualidade do ensino
- **coordenação administrativa**, que cuida de contratos, processos seletivos e compliance
- **comunicação** com as escolas e a comunidade

Em municípios menores, uma ou duas pessoas podem acumular essas funções. O que importa é que elas estejam claramente atribuídas.

Coordenação pedagógica do bilíngue

A coordenação pedagógica do programa bilíngue na secretaria tem uma função diferente da coordenação que acontece dentro da escola.

Enquanto a escola cuida do planejamento de aula a aula, do acompanhamento dos professores e da rotina diária, a secretaria tem uma visão mais ampla: garante que o programa está alinhado com as diretrizes do município, acompanha o desempenho das escolas participantes e organiza as condições para que o desenvolvimento profissional dos professores aconteça de forma sistemática.

Na prática, isso envolve:

- manter atualizado o currículo bilíngue do município
- articular a formação continuada dos professores
- fazer visitas periódicas às escolas
- servir de ponte entre as escolas e a instituição parceira responsável pela metodologia (quando há uma parceria dessa natureza)

A secretaria precisa construir, desde o início, uma proposta curricular que dê conta do funcionamento em tempo integral com carga bilíngue, mesmo quando não há um modelo pronto para adaptar. Antes de colocar a escola para funcionar, é preciso ter clareza sobre como funciona o tempo integral em uma proposta bilíngue, organizando o currículo e aperfeiçoando a prática pedagógica.

Monitoramento e avaliação

Monitorar um programa de educação bilíngue no setor público requer definir, desde o início, o que se quer medir — e por quê. Não basta acompanhar presença e notas. Um programa bilíngue de qualidade precisa de indicadores que capturem o desenvolvimento linguístico dos estudantes, a qualidade das aulas, o engajamento das famílias e a evolução profissional dos professores.

Indicadores que costumam ser úteis para o acompanhamento do programa incluem:

- a **evolução do nível de proficiência** em inglês dos alunos ao longo dos anos
- a **taxa de retenção e frequência** nas turmas bilíngues
- a **participação dos professores nas formações** continuadas
- o grau de **satisfação das famílias** com o programa
- a **taxa de renovação de professores** (indicador indireto das condições de trabalho e de vínculo)

O monitoramento não precisa ser sofisticado para ser eficaz. O que importa é que ele seja regular e que gere ações concretas. Um dado levantado e não utilizado não serve ao programa. A secretaria precisa de um ciclo claro: coleta de dados, análise, ajuste e comunicação dos resultados — tanto para a gestão municipal quanto para a comunidade escolar.

8. Organização da escola bilíngue

A escola bilíngue no setor público, na maioria dos casos, é também uma escola de tempo integral. Isso é ao mesmo tempo uma vantagem e um desafio.

A vantagem é que há mais horas disponíveis para o trabalho em inglês, sem que isso signifique retirar tempo das disciplinas do currículo regular. O desafio é que gerenciar uma escola de tempo integral exige uma logística muito mais complexa do que a de uma escola de turno único — e quando se adiciona o componente bilíngue, essa complexidade aumenta.

Estrutura da escola de tempo integral

Uma escola de tempo integral bilíngue precisa organizar, dentro de uma jornada ampliada, dois grandes blocos curriculares: o currículo regular — estruturado conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) — e o programa em língua inglesa.

Em Pilar, esse modelo se consolida com 20 horas semanais dedicadas ao ensino regular e 15 horas semanais às aulas em inglês, totalizando uma carga que preenche integralmente os dois turnos.

Entre esses blocos de ensino, a escola ainda precisa organizar alimentação, descanso e higiene, especialmente nos anos iniciais, quando os alunos são mais novos.

Com 13 turmas funcionando ao mesmo tempo, não é possível organizar todos os momentos de forma coletiva. A solução encontrada foi um sistema de rodízio, com escalas para lanche, almoço e banho, que permite atender todas as turmas sem interromper as atividades das demais.

Essa capacidade de construir soluções operacionais adaptadas à realidade de cada escola é uma das marcas das experiências bem-sucedidas de educação bilíngue pública. Não existe um modelo único de organização que funcione para todos os contextos. O que funciona é a disposição de testar, ajustar e melhorar, sem paralisar o programa enquanto os ajustes são feitos.

Integração do programa bilíngue à rotina escolar

Um equívoco recorrente é tratar o programa bilíngue como algo separado da escola — um “módulo” que acontece em paralelo ao restante. Nas experiências de maior sucesso, o bilíngue está integrado à identidade da escola, e não apenas ao horário. Os professores de inglês e os professores do currículo regular trabalham alinhados, tratando os mesmos temas sob perspectivas complementares.

Em Pilar, esse alinhamento se consolidou como um princípio organizador fundamental: os professores do ensino regular e os do inglês atuam na mesma linha em relação aos conteúdos trabalhados. Isso significa que, quando uma turma está estudando seres vivos em ciências, os professores de inglês organizam suas aulas em torno do mesmo campo temático, reforçando o conteúdo por meio da língua, em vez de meramente ensinar a língua de forma descontextualizada.

Para que essa integração aconteça, é necessário criar momentos regulares de planejamento conjunto entre professores de diferentes áreas. A escola precisa, na prática, institucionalizar a conversa pedagógica entre esses dois grupos que, em escolas convencionais, raramente interagem de forma planejada.

Organização dos espaços

A organização física da escola também entra nessa equação. Muitas vezes são necessárias adaptações nas escolas do município para abrigar o programa bilíngue:

- salas que funcionavam como biblioteca, sala de leitura ou apoio pedagógico sendo convertidas em salas de aula
- reorganização de espaços administrativos para liberar ambientes
- reagrupamento ou redistribuição de turmas para abrir salas em determinados turnos
- uso de contraturno com aproveitamento dos mesmos espaços por diferentes turmas ao longo do dia
- criação de rodízios de uso de salas
- utilização provisória de espaços compartilhados ou adaptados enquanto melhorias estruturais são planejadas

Essas estratégias mostram que, mesmo sem infraestrutura ideal, é possível viabilizar o programa com organização, planejamento e gestão eficiente dos espaços. A mensagem mais importante aqui é: a falta de uma estrutura física ideal não pode ser justificativa para adiar a implementação do programa.

A escola bilíngue de Pilar funcionou por anos em prédios alugados e salas cedidas por outras escolas, antes de ter sede própria. O que sustentou o programa não foi a infraestrutura — foi a organização.

Cultura institucional da escola bilíngue

Uma escola bilíngue pública de qualidade é, antes de tudo, uma escola com identidade própria. Isso não acontece por decreto: é resultado de um processo de construção coletiva que envolve diretores, professores, funcionários e, fundamentalmente, as famílias.

No início da implementação em Pilar, a estranheza era generalizada. Os pais não tinham referência sobre o que significava uma escola de tempo integral bilíngue. A palavra “bilíngue” em si soava distante da realidade de uma escola pública municipal.

A superação dessa resistência inicial foi feita no dia a dia, com presença da gestão escolar, comunicação transparente e abertura para mostrar às famílias o que acontecia dentro da escola.

A gestão da escola utilizou recursos simples e eficazes: fotos e vídeos enviados às famílias pelo WhatsApp mostrando os momentos do banho, do lanche, das aulas. Essa visibilidade cotidiana foi decisiva para construir confiança.

Não foi necessário um grande evento de lançamento: foi necessário coerência entre o que era prometido e o que era entregue, todos os dias.

Com o tempo, a cultura bilíngue se instalou. Os alunos passaram a carregar essa identidade com orgulho. As famílias, que antes hesitavam, passaram a recomendar a escola. Em Pilar, houve um ponto em que a demanda de alunos provenientes de escolas particulares, atraídos pela qualidade do programa público, superou o número de vagas disponíveis — o que é uma evidência concreta de que a cultura institucional construída tem valor reconhecido pela comunidade.

9. Projeto Político Pedagógico da escola bilíngue

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é o documento que organiza a identidade de uma escola: seus valores, seus objetivos, sua metodologia, sua forma de avaliar os alunos e de se relacionar com a comunidade. Para uma escola bilíngue, o PPP é o instrumento que garante coerência entre a proposta pedagógica e a prática cotidiana.

A primeira pergunta que gestores fazem ao considerar a implantação do bilíngue em uma escola existente é: precisamos reescrever o PPP do zero ou apenas adaptá-lo? A resposta depende do contexto.

Se o bilíngue é parte constitutiva da escola desde a sua criação — como foi o caso de Pilar — o PPP é elaborado do zero, com o bilíngue integrado à proposta desde o primeiro capítulo. Se o bilíngue é introduzido em uma escola já existente, o caminho é diferente: o PPP precisa ser revisado e adaptado de forma substantiva, não apenas com um parágrafo adicionado ao final.

Adequações necessárias no PPP

Uma adaptação significativa do PPP para incluir o programa bilíngue precisa tocar, pelo menos, nos seguintes aspectos:

- a concepção de língua e de bilinguismo adotada pela escola
- a matriz curricular ampliada, com a distribuição das cargas horárias entre o currículo regular e o componente em inglês
- os critérios e instrumentos de avaliação das aprendizagens em língua inglesa
- o perfil esperado dos professores bilíngues
- as formas de parceria com as famílias no acompanhamento do desenvolvimento linguístico dos alunos

Esses elementos não são detalhes, mas o que diferencia um PPP que apenas menciona o bilíngue de um PPP que de fato organiza uma escola bilíngue. Sem esse nível de detalhamento, o documento perde sua função como guia da prática pedagógica e se torna apenas um registro formal.

A recomendação é que os gestores tenham primeiro clareza sobre o funcionamento do tempo integral em uma proposta bilíngue antes de redigir o PPP. Organizar o currículo com antecedência — e entender como a prática pedagógica bilíngue funciona na sala de aula — deve preceder a escrita do documento, e não o contrário.

Integração curricular

O PPP de uma escola bilíngue precisa deixar explícito como se dá a integração entre o currículo regular e o currículo em língua inglesa. Essa integração é, ao mesmo tempo, o maior diferencial pedagógico do modelo e o aspecto mais difícil de operacionalizar.

Na prática, os conteúdos trabalhados em inglês não devem ser uma lista separada de temas, paralela ao currículo regular. Devem ser os mesmos conteúdos — ou complementares — tratados a partir da língua inglesa como meio de instrução. Isso é o que a literatura educacional chama de CLIL (Content and Language Integrated Learning): aprender conteúdo e língua ao mesmo tempo, de forma integrada.

Para que o PPP reflita essa integração, ele precisa mostrar, de forma clara, quais componentes curriculares são trabalhados em inglês, como esses componentes se articulam com os que são trabalhados em português e como os professores das duas frentes planejam conjuntamente.

Quando esse mapa é claro, professores, coordenadores e pais conseguem entender o que a escola propõe — e cobrar coerência quando necessário.

Cultura pedagógica bilíngue

O PPP é uma declaração de intenções. Para que a cultura pedagógica bilíngue se instale de verdade, o PPP precisa ser vivido pela equipe, e não simplesmente arquivado. Isso exige que o documento seja construído com a participação dos professores, que seus princípios sejam discutidos nas formações e que a coordenação pedagógica utilize o PPP como referência para o acompanhamento das aulas.

A apresentação do PPP ao Conselho Municipal de Educação é uma etapa formal obrigatória e, mais que isso, uma oportunidade de legitimação do programa. Em Pilar, esse processo transcorreu sem questionamentos significativos – foi tratado como um alinhamento da proposta pedagógica, não como uma aprovação sujeita a restrições. A qualidade da preparação prévia da equipe gestora contribuiu para que o debate fosse técnico e propositivo.

Um ponto de atenção: se o programa bilíngue é apresentado ao Conselho como algo acabado, imposto de cima para baixo, as chances de resistência aumentam. Se é apresentado como uma construção coletiva, que busca aprovação e eventuais aprimoramentos, o caminho costuma ser mais suave – e o resultado, mais sólido.

10. Organização curricular

A organização curricular é, provavelmente, o nó mais difícil de desatar na implantação de um programa bilíngue municipal. Muitas vezes, não há um modelo de referência para uma escola pública bilíngue de tempo integral. É preciso construir tudo a partir de pesquisa, tentativa e ajuste.

A boa notícia é que esse caminho já foi percorrido. O que era incerteza em Pilar, por exemplo, pode ser ponto de partida para outros municípios.

Carga horária em língua inglesa

A experiência de Pilar converge em torno de um número: 15 horas semanais de exposição à língua inglesa. Essa carga é o que viabiliza o desenvolvimento linguístico real dos estudantes, distante do modelo de “aula de inglês” de 1 hora por semana, que raramente produz falantes funcionais.

Essas 15 horas diárias distribuídas em 3 horas por dia representam, ao longo de um ano letivo de 200 dias úteis, cerca de 600 horas de instrução em inglês. Para se ter uma referência: pesquisas em contextos de imersão linguística indicam que são necessárias entre 480 e 720 horas de exposição estruturada para que aprendizes de língua adicional atinjam níveis intermediários de proficiência comunicativa.

O modelo de tempo integral cria, portanto, as condições reais para que esse desenvolvimento aconteça.

A distribuição dessas horas ao longo do dia deve ser organizada de modo a garantir que as aulas em inglês não ocorram sempre nos horários de menor energia cognitiva dos alunos – o que exige atenção ao planejamento da grade horária.

Aulas de inglês inseridas sistematicamente no último bloco da tarde, após uma jornada intensa, tendem a ter rendimento menor do que quando distribuídas de forma equilibrada ao longo do dia.

Componentes curriculares ensinados em inglês

A definição de quais componentes curriculares serão ministrados em inglês é uma das decisões mais estratégicas da organização curricular bilíngue. Não há uma resposta única: há princípios que devem guiar a escolha.

O primeiro princípio é a adequação ao nível de desenvolvimento dos alunos. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, quando a alfabetização em português está em curso, a instrução em inglês tende a se concentrar em conteúdos de Ciências, Arte, Educação Física e Matemática — componentes em que o suporte visual e corporal facilita a compreensão sem depender da leitura em língua materna. À medida que os alunos avançam, é possível ampliar a instrução em inglês para outras disciplinas.

O segundo princípio é a viabilidade pedagógica. Os componentes escolhidos para serem ensinados em inglês precisam contar com professores capacitados para fazê-lo, o que coloca a questão dos recursos humanos como limitador do escopo curricular, ao menos no início do programa. É melhor começar com menos componentes, com qualidade, do que tentar abarcar todo o currículo com profissionais não preparados.

Em Pilar, o processo de alfabetização em língua materna é conduzido integralmente em português, seguindo a grade curricular baseada na BNCC. O inglês é organizado como um currículo próprio, alinhado ao que os alunos estão aprendendo no regular, mas com progressão e objetivos específicos à aprendizagem da língua adicional.

Integração com a Base Nacional Comum Curricular

Uma dúvida recorrente entre gestores que consideram implementar o bilíngue é: o programa entra em conflito com a BNCC? A resposta é não, desde que a organização curricular seja feita com cuidado.

A BNCC define competências e habilidades que todos os alunos brasileiros devem desenvolver. Ela não determina, contudo, em qual idioma esses conteúdos devem ser ensinados.

Um aluno que aprende sobre ecossistemas em inglês está desenvolvendo as mesmas competências de ciências que um aluno que aprendeu o mesmo conteúdo em português – e ainda adquire, de quebra, vocabulário científico em outra língua.

O que a BNCC exige é que todos os componentes curriculares obrigatórios sejam contemplados na carga horária total da escola. Isso significa que o currículo bilíngue não elimina nem substitui os componentes do currículo regular: ele é uma camada adicional ou uma forma alternativa de abordagem de alguns conteúdos, em uma jornada ampliada.

Uma solução adotada por muitos municípios é organizar um plano curricular que contempla o inglês do primeiro ao nono ano, em turmas regulares e bilíngues, com o conteúdo trabalhado em inglês alinhado ao que é trabalhado no regular. Isso permite que o professor bilíngue estruture suas aulas em torno dos mesmos campos temáticos que o professor de português está desenvolvendo, sem que haja sobreposição ou lacuna.

A chave é o planejamento integrado. Quando o currículo bilíngue e o currículo regular são desenhados de forma articulada, o tempo integral bilíngue se torna mais do que a soma de dois programas: ele se torna uma experiência educacional coerente, em que a língua e o conteúdo se reforçam mutuamente.

11. Avaliação da aprendizagem no programa bilíngue

Avaliar aprendizagem em um programa bilíngue é mais complexo do que avaliar em um programa convencional – e ao mesmo tempo, mais rico. O aluno está sendo avaliado em pelo menos duas dimensões que se entrelaçam: o desenvolvimento do conteúdo curricular e o desenvolvimento da competência linguística em inglês.

Definir como avaliar, com quais instrumentos e com quais critérios é uma das decisões que mais geram dúvida nos municípios que iniciam o bilíngue.

Avaliação de competências linguísticas

A avaliação do desenvolvimento linguístico em inglês deve acompanhar as quatro habilidades fundamentais da comunicação:

- compreensão oral (*listening*)
- produção oral (*speaking*)
- compreensão escrita (*reading*)
- produção escrita (*writing*)

Nos anos iniciais do programa, o foco tende a estar nas habilidades orais, especialmente na compreensão e produção de linguagem cotidiana e temática. A leitura e a escrita em inglês são introduzidas de forma progressiva, à medida que os alunos consolidam a alfabetização em português.

Uma referência útil para estruturar a progressão das competências linguísticas é o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR ou CEFR), que organiza os níveis de proficiência em uma escala de A1 a C2. O referencial é amplamente utilizado por programas bilíngues brasileiros – tanto na rede privada

quanto em iniciativas públicas — como base para a definição de expectativas por ano escolar e para a criação de instrumentos de avaliação.

A avaliação das competências linguísticas deve ser formativa, servindo para informar o professor sobre o que cada aluno precisa para avançar, e não simplesmente para classificar desempenhos ao final de um período. Rubricas de avaliação por habilidade, portfólios de produções dos alunos e registros de observação são instrumentos mais adequados a esse propósito do que provas tradicionais aplicadas de forma isolada.

Avaliação acadêmica em inglês

Além de avaliar o desenvolvimento linguístico, o programa bilíngue precisa avaliar se os alunos estão aprendendo os conteúdos curriculares que são ensinados em inglês. Esse é um ponto sensível: como garantir que um aluno que ainda está desenvolvendo a língua inglesa seja avaliado de forma justa pelo domínio de um conteúdo de ciências ou matemática ensinado nessa língua?

A resposta está na separação cuidadosa entre o que está sendo avaliado: quando o objetivo é verificar se o aluno compreendeu um conceito científico, o instrumento de avaliação deve permitir que ele demonstre essa compreensão — seja em inglês, em português, por meio de desenhos, de experimentos ou de outras formas de representação. A língua não deve ser um obstáculo à demonstração do conhecimento, especialmente nos primeiros anos do programa.

À medida que o programa avança e os alunos ganham fluência, a avaliação acadêmica em inglês pode ser conduzida integralmente no idioma — o que é, aliás, um dos objetivos do modelo. Mas essa transição deve ser gradual e consciente, com critérios claros sobre o que é esperado em cada etapa.

Instrumentos de acompanhamento do progresso dos alunos

Um programa bilíngue bem-estruturado precisa de instrumentos de acompanhamento que vão além das avaliações formais periódicas. O progresso linguístico é, por natureza, gradual e nem sempre visível em uma prova semestral. É importante que professores e coordenadores tenham meios de registrar e acompanhar o desenvolvimento dos alunos de forma contínua.

Entre os instrumentos mais utilizados em programas bilíngues de referência estão:

- a avaliação diagnóstica de início de ano, que mapeia o ponto de partida de cada aluno
- o portfólio linguístico, que reúne produções do aluno ao longo do tempo e permite visualizar a evolução
- as rubricas de avaliação oral, que orientam o professor a observar aspectos específicos da fala do aluno durante as aulas
- os instrumentos de autoavaliação, que desenvolvem a metacognição dos estudantes sobre seu próprio aprendizado

A secretaria tem um papel importante aqui: garantir que os instrumentos de avaliação sejam padronizados entre as escolas que participam do programa, de modo que os dados coletados sejam comparáveis e possam subsidiar decisões de política educacional.

Sem esse nível de organização, cada escola avalia de forma diferente, e a secretaria perde a capacidade de monitorar o programa de forma consistente.

12. Seleção e gestão de professores

Pergunte a qualquer gestor que já tentou implantar educação bilíngue no setor público qual foi o maior desafio enfrentado. A resposta, invariavelmente, passa pelos professores. Não por falta de comprometimento ou de competência dos profissionais da rede, mas pela escassez de profissionais com perfil adequado para o modelo: domínio da língua inglesa em nível de proficiência funcional e formação pedagógica para trabalhar com crianças e jovens.

Muitas vezes, o maior problema é achar professores com um nível de fluência adequado para ensinar. Também é comum uma camada extra nesse diagnóstico: os professores que têm fluência, muitas vezes, podem carecer de didática — sabem inglês, mas não sabem ensinar crianças do primeiro ano. E os professores da rede que tinham formação pedagógica, em geral, podem não ter fluência suficiente.

Esse é o campo de tensão em que a gestão municipal precisa operar. Não há solução simples, mas há estratégias que funcionam.

Diagnóstico de professores da rede

O ponto de partida de qualquer política de professores para o programa bilíngue é o diagnóstico. Antes de abrir um processo seletivo, a secretaria deve mapear o que existe dentro da própria rede:

- quais professores têm formação em Letras com habilitação em inglês
- quais têm vivência com o idioma
- quais demonstraram interesse em participar do programa

Esse diagnóstico não precisa ser uma avaliação formal de proficiência, embora uma avaliação estruturada seja desejável. Pode começar com um levantamento simples

de perfil formativo, cruzando a formação declarada nos registros da secretaria com entrevistas informais. A secretaria precisa se dotar com informações sobre o perfil formativo dos professores disponíveis, dado que, quando levantado com antecedência, orienta toda a estratégia de contratação e formação.

Em muitos municípios, existe pelo menos um professor de inglês concursado na rede, que pode não ter fluência para ministrar aulas em modelo bilíngue, mas pode ser um aliado no processo de seleção e de formação dos novos professores. Identificar esses perfis e mobilizá-los é uma estratégia inteligente de economia de recursos e de construção de capital interno.

Possibilidades de aproveitamento de professores da rede

O aproveitamento de professores já concursados na rede tem vantagens evidentes: vínculo empregatício estável, conhecimento da cultura escolar local, e menor custo de recrutamento. No entanto, a experiência de Pilar mostra que essa possibilidade é limitada pelas condições reais do mercado de trabalho docente.

Em alguns municípios, professores da rede são convidados a assumir aulas no programa bilíngue, mas a maioria declina — por já terem outro emprego, por não terem disponibilidade de ficar dois turnos na escola ou simplesmente por falta de interesse. Quando havia interesse, a proficiência linguística muitas vezes era o obstáculo. Quando havia proficiência, a disponibilidade era o problema.

Isso não significa que o aproveitamento de professores da rede deve ser descartado. Significa que ele precisa ser planejado com realismo e que a secretaria deve criar condições que tornem a participação atraente:

- clareza sobre a carga horária esperada
- reconhecimento diferenciado para quem atua no programa bilíngue
- possibilidade de formação continuada financiada pelo município

Para os professores da rede que não atingem o nível de fluência necessário para ministrar aulas em inglês, há outros papéis fundamentais no programa:

- coordenação pedagógica
- articulação com os professores bilíngues contratados
- comunicação com famílias
- suporte ao planejamento integrado

Reconhecer esses papéis como parte do programa é uma forma de ampliar o engajamento da equipe já existente.

Processos seletivos simplificados (PSS)

Na grande maioria dos municípios que implementam educação bilíngue na rede pública, o Processo Seletivo Simplificado (PSS) é o principal instrumento de contratação de professores bilíngues.

O PSS é mais ágil do que um concurso público, permite atender à demanda imediata do programa e pode ser estruturado com critérios específicos para o perfil bilíngue, o que o concurso generalista nem sempre comporta.

A estruturação de um PSS para professores de programa bilíngue deve incluir, no mínimo, quatro etapas:

1. análise de currículo e comprovação de formação (que pode incluir certificações de proficiência em inglês, como Cambridge English, TOEFL ou equivalentes);
2. avaliação de proficiência oral em inglês (uma entrevista conduzida no idioma, que permite avaliar fluência e coerência comunicativa);

3. análise de competência pedagógica (que pode incluir a apresentação de um plano de aula ou de uma aula demonstrativa);
4. e entrevista com a coordenação pedagógica do programa.

Na experiência de Pilar, todos os professores que atuam no programa bilíngue trabalham sob regime de contrato, o que confere flexibilidade à gestão, mas cria um desafio de continuidade: professores contratados têm menos estabilidade, o que pode resultar em rotatividade mais alta e em perda de investimento em formação.

Para mitigar esse risco, é importante construir condições que tornem o cargo atraente:

- uma remuneração compatível com a especificidade do trabalho
- um ambiente pedagógico que valorize o profissional
- perspectiva de continuidade do contrato enquanto o programa se mantiver

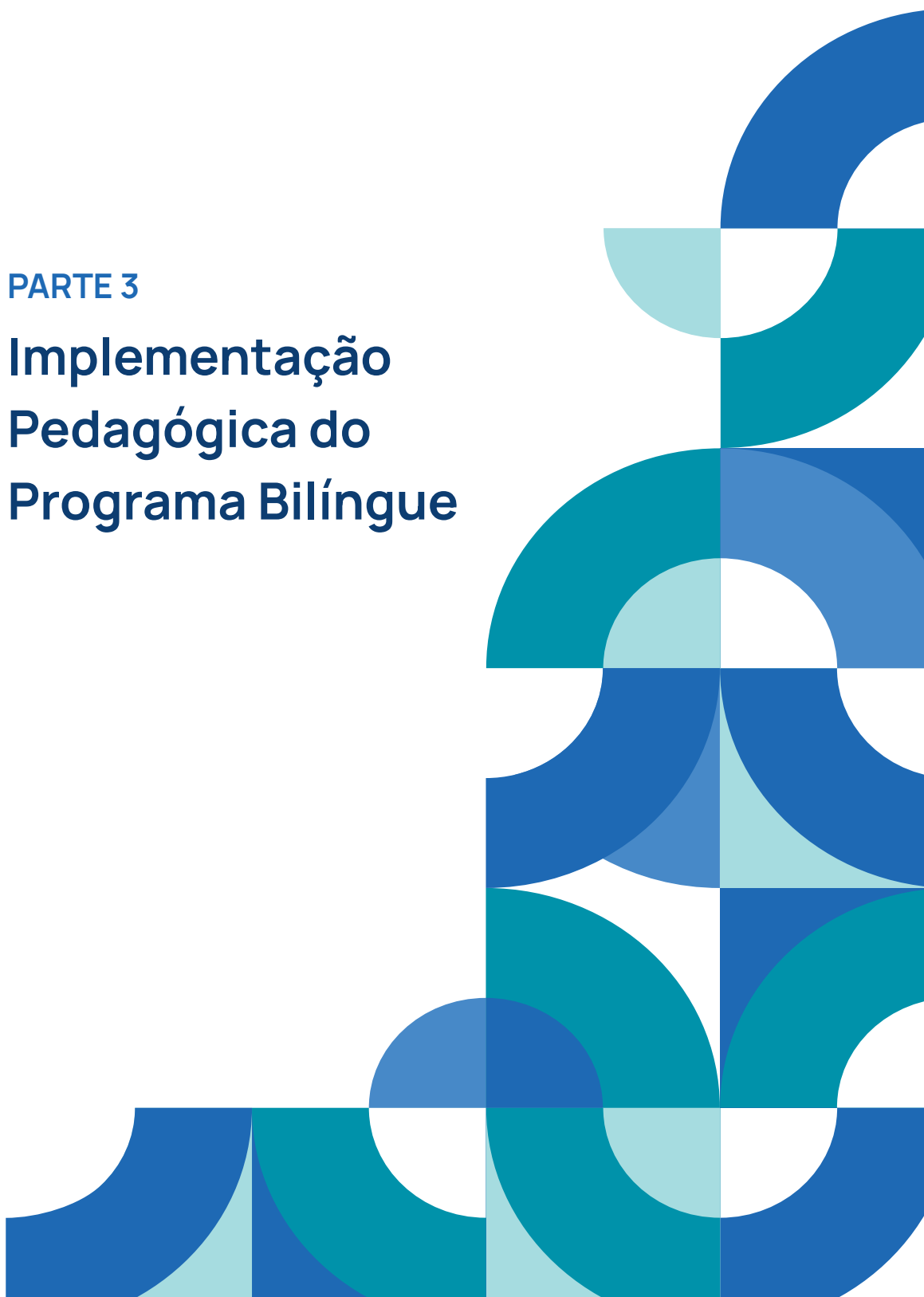
Para ampliar o leque de candidatos qualificados, a secretaria pode fazer uma busca ativa em universidades com cursos de Letras-Inglês na região e em escolas de idiomas particulares, onde muitas vezes atuam professores com perfil adequado que estariam abertos a integrar um programa de educação pública. Essa prospecção proativa costuma ser mais eficaz do que aguardar candidaturas espontâneas.

Por fim, um aspecto que a experiência de Pilar deixa claro: fluência em inglês e competência pedagógica são condições necessárias, mas não suficientes. O professor bilíngue de uma escola pública municipal precisa também ter disposição para trabalhar em tempo integral, para planejar conjuntamente com outros professores e para participar de formações contínuas.

O processo seletivo deve ser desenhado para identificar esses atributos, e a gestão do programa deve criar as condições para que eles sejam sustentados ao longo do tempo.

PARTE 3

Implementação Pedagógica do Programa Bilíngue



Não basta organizar carga horária, contratar professores e estruturar a escola. O sucesso de um programa bilíngue depende da forma como ele se concretiza na prática pedagógica – na sala de aula, na formação docente e na consistência do currículo ao longo do tempo.

É nesse nível que o programa deixa de ser uma proposta e passa a ser uma experiência real de aprendizagem.

13. O papel da parceria pedagógica especializada

A implementação de educação bilíngue exige um conjunto de competências que não fazem parte, tradicionalmente, da estrutura das redes municipais.

Trata-se de um campo que combina domínio linguístico, desenho curricular específico, estratégias metodológicas próprias e um modelo de acompanhamento contínuo bastante diferente do ensino tradicional de língua estrangeira.

A escolha de uma parceria especializada

A rede pública de Pilar optou por desenvolver sua política de educação bilíngue em parceria com o Systemic Bilingual, instituição brasileira com mais de duas décadas de atuação dedicada exclusivamente ao desenvolvimento de soluções educacionais bilíngues.

Ao longo de sua trajetória, o Systemic consolidou um modelo pedagógico próprio, fundamentado na integração entre língua e conteúdo, na formação contínua de professores e no acompanhamento sistemático da prática em sala de aula.

Sua experiência abrange diferentes contextos educacionais, incluindo redes públicas de ensino, o que permite a adaptação da metodologia às especificidades de cada município sem comprometer a consistência pedagógica.

Mais do que um fornecedor de materiais, o Systemic atua como parceiro técnico na implementação do programa, oferecendo um conjunto integrado de soluções que inclui:

- currículo estruturado
- recursos didáticos
- formação docente
- assessoria pedagógica contínua

A escolha por uma instituição com esse perfil responde a um desafio recorrente na implementação de programas bilíngues no setor público: garantir que a proposta pedagógica seja bem-planejada e se sustente com qualidade ao longo do tempo, independentemente de mudanças de equipe ou de gestão.

A partir desse referencial, esta parte do manual detalha como se organiza a implementação pedagógica do programa — desde os fundamentos metodológicos até os instrumentos que sustentam o trabalho cotidiano das escolas.

Por que contar com uma instituição especializada

Contar com uma instituição especializada não representa terceirização da responsabilidade pedagógica, mas sim a incorporação de conhecimento técnico já consolidado.

A experiência acumulada por organizações que atuam há anos com educação bilíngue, como o Systemic, permite evitar erros comuns de implementação, reduzir o tempo de maturação do programa e garantir maior previsibilidade de resultados.

Educação bilíngue de qualidade envolve:

- construção de currículo específico
- formação docente contínua
- definição de metodologia
- acompanhamento pedagógico estruturado

A secretaria deixa de operar em tentativa e erro e passa a gerir um modelo já validado, com maior previsibilidade de resultados.

- **Erro comum:** tentar construir o modelo integralmente do zero, sem referência prática. Isso costuma gerar retrabalho, insegurança na equipe e inconsistência na execução.
- **Diretriz prática:** a parceria não substitui a secretaria — ela fortalece a capacidade técnica da rede.

Apoio na seleção e formação de docentes

Firmar uma parceria estratégica com uma instituição especializada em educação bilíngue contribui diretamente para enfrentar um dos principais desafios do setor público: a formação do professor bilíngue.

A escassez de profissionais com domínio linguístico e preparo pedagógico adequado no mercado brasileiro torna esse suporte ainda mais importante.

14. A metodologia pedagógica

Fundamentos da metodologia Systemic

A metodologia é o que dá coerência ao programa. Sem ela, o bilíngue se reduz a aulas de inglês ampliadas – o que não atende aos objetivos da proposta.

O princípio central é que a língua adicional não deve ser ensinada isoladamente, mas utilizada como meio para acessar conhecimento.

Isso significa que o aluno não “tem aula de inglês”: ele aprende conteúdos em inglês. Isto é, a língua deixa de ser objeto de estudo e passa a ser instrumento de aprendizagem.

Mudança central de abordagem

No modelo desenvolvido pelo Systemic Bilingual, a língua não é tratada como disciplina isolada:

- ensino tradicional → foco em vocabulário e gramática
- educação bilíngue → foco em uso da língua para aprender

Essa abordagem se apoia em fundamentos da neurociência, da psicologia cognitiva e da pedagogia contemporânea, organizando o ensino em torno de temas e problemas reais:

- Uso da língua como meio de aprendizagem, não apenas como objeto
- Integração entre conteúdo e linguagem
- Exposição contínua e significativa ao idioma
- Material didático estruturado

- Formação contínua de professores
- Acompanhamento pedagógico regular

Ou seja, o professor ensina conteúdos em inglês, o aluno utiliza o idioma para pensar e se expressar, e o aprendizado ocorre em contexto real.

Integração entre língua e conteúdo

O modelo pedagógico se baseia na integração entre ensino de conteúdo e desenvolvimento linguístico. As aulas são organizadas de forma que o idioma seja utilizado em contextos significativos, vinculados ao currículo escolar:

- conteúdos curriculares são ensinados em inglês
- a língua é usada para investigar, discutir e explicar
- o vocabulário surge a partir da necessidade de comunicação

Essa integração é sistematizada no currículo e nos materiais do Systemic, evitando que dependa apenas da iniciativa individual do professor. Assim, a abordagem promove maior retenção do idioma, reduzindo a distância entre aprender e usar a língua.

Desenvolvimento linguístico e cognitivo dos estudantes

O modelo bilíngue adotado em Pilar produz efeitos que vão além da aprendizagem da língua, em paralelo ao desenvolvimento cognitivo. O uso constante de dois idiomas estimula funções executivas como memória, atenção e flexibilidade mental.

Entre os principais efeitos observados:

- Melhoria na capacidade de concentração
- Maior eficiência na resolução de problemas
- Avanço em leitura e interpretação
- Desenvolvimento de pensamento crítico

Esses ganhos extrapolam o aprendizado do idioma e contribuem para o desempenho geral dos alunos em diferentes etapas da trajetória escolar:

→ **Nos primeiros anos:**

- maior foco em compreensão e oralidade
- uso intensivo de suporte visual, gestual e contextual

→ **Ao longo do tempo:**

- ampliação do vocabulário acadêmico
- desenvolvimento da leitura e da escrita em inglês
- maior autonomia do aluno no uso da língua

15. O currículo bilíngue

Estrutura Curricular

O currículo é o que organiza o percurso de aprendizagem. Sem uma estrutura clara, o programa perde consistência.

No modelo do Systemic Bilingual, essa estrutura é definida por etapa e por habilidade, garantindo progressão e coerência:

→ **Progressão por fase:**

- anos iniciais → oralidade e compreensão
- anos intermediários → leitura e escrita
- anos finais → produção acadêmica

→ **Garantias do currículo estruturado:**

- continuidade entre os anos
- clareza de objetivos de aprendizagem
- alinhamento ao desenvolvimento do aluno

Integração interdisciplinar

A estrutura do currículo consiste em temas que conectam diferentes áreas do conhecimento, favorecendo a aprendizagem significativa e ampliando o repertório do aluno.

- conteúdos de diferentes disciplinas são conectados
- o idioma é utilizado em múltiplos contextos
- o aprendizado ocorre de forma articulada

Em vez de conteúdos fragmentados, o aluno vivencia experiências integradas, nas quais o idioma é utilizado em múltiplos contextos.

Progressão de aprendizagem

O currículo precisa definir claramente o que se espera em cada etapa. A progressão linguística ideal segue referências internacionais, como o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR, na sigla em inglês, ou QECR, em português), permitindo acompanhar o desenvolvimento dos estudantes de forma estruturada.

→ **No eixo linguístico:**

- evolução estruturada por níveis de proficiência
- desenvolvimento gradual das habilidades

→ **No eixo curricular:**

- retomada e aprofundamento de conteúdos
- coerência entre etapas da educação básica

Cada etapa tem objetivos claros, o que garante continuidade e evita lacunas no aprendizado, priorizando a evolução das competências linguísticas, o desenvolvimento dos conteúdos acadêmicos e a ampliação da complexidade das tarefas.

16. Planejamento pedagógico

O planejamento não é improvisado. Cada aula segue uma estrutura definida, com objetivos, atividades e estratégias claras. Isso garante consistência entre turmas e reduz a dependência da experiência individual do professor.

Planos de aula estruturados

Em Pilar, o planejamento é operacionalizado por meio de planos de aula detalhados, disponibilizados no modelo do Systemic Bilingual. O resultado é a redução da insegurança docente, maior consistência entre turmas e fidelidade à proposta pedagógica.

→ Boas práticas:

- uso de planos de aula estruturados
- definição clara de objetivos
- previsão de estratégias de ensino e avaliação

Sequências didáticas

O ensino bilíngue exige continuidade. As aulas são organizadas em sequências, chamadas de jornadas de aprendizagem. Cada jornada possui um tema central e se desenvolve ao longo de várias aulas:

- introdução do tema
- desenvolvimento
- consolidação
- produção final

Essa organização permite aprofundamento e conexão entre os conteúdos, evitando aulas isoladas, sem conexão pedagógica.

Mais que isso, o planejamento bilíngue também deve dialogar com o currículo regular. Isso exige alinhamento entre professores e integração entre áreas. Sem essa articulação, o programa perde coerência e impacto.

17. Formação inicial de professores

A implantação de um programa bilíngue na rede pública esbarra, de forma recorrente, em um desafio concreto: não há, em quantidade suficiente, professores com o perfil necessário para atuar nesse modelo.

A educação bilíngue exige um profissional que combine três dimensões ao mesmo tempo: domínio do idioma, competência pedagógica e capacidade de conduzir aulas de conteúdo em inglês. Esse perfil ainda é raro na maioria dos municípios brasileiros, especialmente fora dos grandes centros.

Antes mesmo da formação pedagógica, portanto, a gestão precisa reconhecer um dado de realidade: formar professores bilíngues não é apenas uma etapa do programa, mas parte estrutural da implantação.

Preparação pedagógica e linguística

A formação inicial precisa partir de um diagnóstico honesto da rede.

Em muitos casos, o município não dispõe de professores com fluência suficiente para conduzir aulas integralmente em inglês. Em outros, há profissionais com domínio da língua, mas sem experiência pedagógica consistente. Isso gera cenários recorrentes:

- Baixa adesão em processos seletivos para vagas bilíngues
- Rotatividade elevada de professores após a contratação
- Dificuldade em sustentar o uso do inglês como língua de instrução
- Insegurança docente nas primeiras semanas de aula

Nesse contexto, a formação inicial cumpre uma dupla função para, mais do que treinar, viabilizar a operação pedagógica do programa:

- Nivelar o ponto de partida linguístico e pedagógico dos professores
- Criar condições reais para que o programa funcione desde o início

Um desafio concreto das redes públicas

Alguns obstáculos aparecem de forma recorrente em municípios que iniciam programas bilíngues:

- Limitações orçamentárias que dificultam competir com o setor privado na remuneração
- Baixa atratividade inicial da vaga, especialmente em regiões sem tradição bilíngue
- Pouca oferta local de profissionais com certificação ou experiência internacional
- Distância geográfica de centros formadores

Ignorar esses fatores leva a decisões frágeis, como assumir que o mercado suprirá espontaneamente a demanda — o que, na prática, raramente acontece.

Programas bem-sucedidos partem de outra lógica: desenvolver o professor que a rede precisa, em vez de esperar encontrá-lo pronto.

O papel da formação estruturada nesse cenário

No modelo adotado por programas como o da Systemic Bilingual, a formação inicial não é um evento pontual, mas um processo organizado para responder diretamente a esse cenário de escassez. Ela contempla:

- Desenvolvimento da fluência funcional para sala de aula (não apenas conhecimento teórico da língua)
- Prática orientada de condução de aulas em inglês
- Apropriação guiada dos materiais didáticos e planos de aula
- Simulações de situações reais de sala (gestão de turma, instruções, mediação)
- Estratégias para lidar com turmas heterogêneas em exposição ao idioma

O foco não está em formar “professores ideais”, mas em tornar o professor da rede capaz de operar o programa com segurança e consistência.

Imersão metodológica

Além da dimensão linguística e pedagógica, há um terceiro eixo frequentemente negligenciado: a compreensão da lógica do programa. Sem isso, o professor tende a adaptar o material ao seu repertório anterior, o que descaracteriza a proposta bilíngue.

A imersão metodológica garante que o docente compreenda:

- Como o currículo está estruturado ao longo dos anos
- Qual é o papel das jornadas de investigação
- Como língua e conteúdo se integram em cada aula
- Quais são os objetivos de aprendizagem em cada etapa

Essa clareza reduz improvisações e aumenta a fidelidade de implementação: fator diretamente ligado aos resultados do programa.

Construção da cultura pedagógica bilíngue

O que a formação inicial precisa garantir

Para que a implantação não dependa de tentativas e erros, a formação inicial deve assegurar que o professor saia preparado para a prática real.

Isso inclui:

- Conduzir aulas inteiramente em inglês, com naturalidade e clareza
- Utilizar os planos de aula estruturados sem depender de adaptações improvisadas
- Compreender o nível linguístico esperado dos alunos em cada etapa
- Aplicar estratégias de mediação adequadas para alunos iniciantes no idioma
- Utilizar materiais físicos e digitais com intencionalidade pedagógica
- Avaliar o progresso dos alunos de forma formativa, não apenas somativa

Quando esses elementos estão consolidados, o início do programa deixa de ser um período de instabilidade e passa a ser uma fase controlada de implementação.

→ **Problema recorrente:**

- profissionais com fluência, mas sem didática
- professores experientes, mas sem fluência

18. Formação continuada

Após a formação inicial e o início da operação do programa, a variável que mais influencia a qualidade ao longo do tempo não é o material didático nem o currículo: é a capacidade da rede de sustentar o desenvolvimento dos professores de forma estruturada.

Desenvolvimento profissional contínuo

Em programas bilíngues implementados em redes públicas, esse ponto ganha ainda mais relevância por três fatores recorrentes:

1. entrada contínua de novos docentes
2. níveis heterogêneos de fluência e domínio metodológico
3. necessidade constante de alinhamento à proposta pedagógica

Sem um modelo consistente de formação continuada, o padrão de qualidade tende a se fragmentar rapidamente entre escolas e turmas.

A formação continuada, portanto, não pode ser tratada como complemento. Ela é parte estrutural da operação pedagógica.

Como a formação continuada acontece na prática

Para produzir efeito real na sala de aula, a formação precisa estar integrada à rotina docente, e não ocorrer de forma isolada ou esporádica. No modelo adotado em Pilar, a formação continuada é organizada em múltiplos formatos complementares:

Encontros formativos periódicos (coletivos)

Realizados em ciclos definidos (mensais ou bimestrais), com foco em temas específicos do currículo ou desafios recorrentes e aprofundamento metodológico e alinhamento entre escolas, como:

- simulações de atividades e condução de aulas
- estudo de estratégias para uso do inglês como língua de instrução
- análise de situações reais enfrentadas pelos professores

Atualização pedagógica

Sessões de acompanhamento pedagógico articuladas à formação

O acompanhamento constante também fortalece a proposta pedagógica do programa bilíngue no setor público, por meio de:

- análise de evidências coletadas em sala
- conexão direta entre prática observada e conteúdo formativo
- ajustes orientados e aplicáveis
- trilhas de desenvolvimento docente com foco diferenciado (fluência, didática, condução metodológica)

Essa organização evita um problema comum: formações genéricas, desconectadas da realidade da escola.

Comunidades de aprendizagem docente

O que a formação continuada precisa garantir

Para que o programa mantenha qualidade ao longo dos anos, a formação continuada deve assegurar que os professores:

- evoluam progressivamente no uso do inglês em sala de aula
- aprofundem a compreensão da metodologia bilíngue
- consigam conduzir aulas com maior autonomia e segurança
- alinhem sua prática ao currículo de forma consistente
- respondam a desafios reais com estratégias concretas

Quando esses elementos estão presentes, a rede deixa de depender de perfis individuais e passa a operar com um padrão pedagógico mais estável.

O papel da Secretaria de Educação

A formação continuada não se sustenta apenas com oferta de conteúdo. Ela exige coordenação ativa da gestão. Cabe à Secretaria:

- garantir agenda e regularidade das formações
- assegurar participação dos professores (inclusive com organização de carga horária)
- integrar formação, acompanhamento pedagógico e currículo
- monitorar evolução do corpo docente ao longo do tempo

Um erro recorrente em redes públicas é tratar a formação como responsabilidade exclusiva do parceiro externo. Na prática, os programas mais consistentes são aqueles em que a Secretaria atua como gestora do processo formativo, e não apenas como intermediadora.

19. Acompanhamento pedagógico contínuo

Depois da formação inicial e da entrada em sala de aula, o ponto crítico passa a ser outro: manter a qualidade do ensino de forma consistente, mesmo com variações de equipe, contextos escolares distintos e níveis diferentes de experiência docente.

É aqui que o acompanhamento pedagógico contínuo deixa de ser um diferencial e passa a ser um mecanismo de sustentação do programa.

Em redes públicas, esse acompanhamento ganha ainda mais relevância por um motivo direto: a rotatividade de professores e a entrada recorrente de novos profissionais. Sem uma estrutura de suporte permanente, cada mudança de docente representa um risco de ruptura na qualidade pedagógica.

No modelo do Systemic Bilingual, o acompanhamento é contínuo para apoiar o planejamento, ajustar práticas e garantir alinhamento curricular:

- ✦ **Observação sistemática e orientada de aulas**, com foco em uso da língua, participação dos alunos e condução pedagógica.
- ✦ **Feedback formativo aos professores**, em formato específico, contextualizado, baseado em evidências e orientado para ação.
- ✦ **Acompanhamento do desenvolvimento docente**, considerando o perfil de cada professor por meio de planos individualizados, metas claras e suporte contínuo.

Assessoria pedagógica semanal

A assessoria pedagógica constante organiza esse acompanhamento em uma rotina previsível e estruturada. Não se trata de uma intervenção pontual, mas

de um espaço contínuo de orientação, ajuste e alinhamento. Na prática, esse acompanhamento permite:

- Revisar o planejamento das aulas com base no que de fato aconteceu em sala
- Antecipar dificuldades pedagógicas antes que se tornem problemas recorrentes
- Apoiar professores em início de trajetória no programa
- Garantir aderência à metodologia ao longo do tempo

Em contextos onde há escassez de professores bilíngues, esse suporte funciona como um mecanismo de estabilização. Professores com boa base pedagógica, mas ainda em desenvolvimento linguístico, conseguem evoluir com mais segurança quando há orientação frequente e estruturada.

Observação estruturada de aulas

A observação de aulas precisa ser tratada como prática técnica, não como fiscalização. Quando bem conduzida, ela gera evidências concretas sobre a qualidade da implementação.

O foco não está em julgar o professor, mas em responder perguntas objetivas:

- Os alunos estão utilizando o inglês de forma ativa?
- As atividades favorecem produção oral ou apenas recepção?
- O conteúdo curricular está sendo efetivamente trabalhado em inglês?
- Há coerência entre planejamento e execução?

Esse tipo de leitura estruturada da aula permite intervenções mais precisas, especialmente importantes em redes onde parte dos docentes ainda está em processo de consolidação da fluência.

Feedback formativo aos professores

Sem feedback qualificado, a observação perde valor. O retorno ao professor precisa ser direto, específico e aplicável. Boas práticas de feedback incluem:

- Basear-se em evidências observadas (e não percepções genéricas)
- Indicar ajustes concretos para as próximas aulas
- Priorizar poucos pontos de melhoria por vez
- Reconhecer práticas que já estão funcionando

Esse modelo é particularmente importante em cenários onde o professor enfrenta insegurança, seja pela língua, seja pelo modelo pedagógico. Um feedback difuso tende a aumentar essa insegurança; um feedback técnico reduz o ruído e orienta a ação.

Orientações para desenvolvimento docente

A partir do acompanhamento contínuo, é possível estruturar planos de desenvolvimento individualizados. Isso se torna decisivo em redes públicas, onde o corpo docente tende a ser heterogêneo.

Alguns professores precisam avançar mais na dimensão linguística; outros, na condução metodológica. Tratar todos da mesma forma reduz a eficácia do programa.

Nesse ponto, a atuação de uma instituição especializada, como o Systemic Bilingual, tende a acelerar o processo. O acompanhamento baseado em padrões já testados permite que a rede não precise construir esses referenciais do zero e evita que o desenvolvimento docente dependa exclusivamente da capacidade de cada escola.

20. Recursos pedagógicos

A qualidade do ensino bilíngue não depende apenas do professor. Ela é diretamente influenciada pelo conjunto de recursos disponíveis para sustentar a prática pedagógica no dia a dia.

Em redes públicas, esse ponto costuma ser subestimado – e, quando negligenciado, gera um efeito previsível: aumento da improvisação e perda de consistência entre turmas.

Material didático

O material didático organiza o percurso de aprendizagem e reduz a variabilidade na execução do programa. Quando bem estruturado, ele permite:

- Clareza sobre o que ensinar em cada aula
- Continuidade entre anos e etapas
- Apoio direto ao professor na condução das atividades

Isso é especialmente relevante em contextos de escassez de professores bilíngues. Quando o docente não tem experiência prévia no modelo, o material funciona como um guia pedagógico, e não apenas como suporte complementar.

Programas desenvolvidos por instituições como o Systemic Bilingual costumam integrar:

- Planos de aula completos
- Sequências didáticas estruturadas
- Recursos visuais e atividades de consolidação
- Orientações pedagógicas detalhadas

Esse nível de organização reduz a dependência de improviso e facilita a entrada de novos professores no programa.

Materiais de apoio

Além do material principal, os recursos de apoio ajudam a construir um ambiente de imersão linguística dentro da escola: algo essencial quando o aluno não tem contato com o inglês fora desse espaço.

Entre os elementos mais eficazes estão:

- Murais de vocabulário atualizados
- Rotinas visuais em inglês (calendário, instruções, comandos)
- Exposição de produções dos alunos
- Recursos manipuláveis e visuais nos anos iniciais

Esses elementos ampliam o tempo de exposição ao idioma sem depender exclusivamente do momento formal da aula.

Recursos multimodais de aprendizagem

A aprendizagem bilíngue exige múltiplas formas de entrada: ouvir, ver, interagir, produzir. Recursos multimodais contribuem diretamente para isso:

- Vídeos e animações temáticas
- Áudios e atividades de listening
- Jogos linguísticos e interativos
- Atividades práticas e experimentais conduzidas em inglês

Em redes com professores em diferentes níveis de fluência, esses recursos também equilibram a experiência do aluno. Mesmo quando o docente ainda está em desenvolvimento, o material multimodal garante exposição qualificada ao idioma.

21. Plataformas digitais

A tecnologia, quando integrada ao currículo, amplia o alcance do programa bilíngue e reduz algumas limitações estruturais da rede pública, especialmente aquelas relacionadas ao tempo de exposição ao idioma e ao acompanhamento individual dos alunos.

Ferramentas para professores

Para o professor, as plataformas digitais funcionam como extensão do planejamento e da gestão da sala de aula. Entre os principais ganhos:

- Acesso centralizado ao currículo e aos planos de aula
- Redução do tempo de preparação
- Disponibilidade de atividades prontas e alinhadas ao conteúdo
- Visualização do desempenho das turmas em tempo real

Em cenários onde há dificuldade de retenção de professores bilíngues, essas ferramentas ajudam a manter a continuidade pedagógica. Um novo docente consegue acessar rapidamente o histórico da turma e dar sequência com menos ruptura.

Soluções estruturadas, como as oferecidas pelo Systemic Bilingual, integram planejamento, execução e acompanhamento em um único ambiente, o que reduz a fragmentação do trabalho docente.

Ferramentas para alunos

Para os estudantes, as plataformas ampliam o contato com o inglês além da sala de aula, o que é decisivo em contextos em que o idioma não faz parte do cotidiano.

Essas ferramentas permitem:

- Prática individual em ritmo próprio
- Exercícios interativos alinhados às aulas
- Desenvolvimento de habilidades específicas, como pronúncia e escuta
- Continuidade do aprendizado fora do horário escolar

Esse ponto é estratégico quando se considera que o tempo de aula, isoladamente, dificilmente é suficiente para desenvolver fluência.

Monitoramento de aprendizagem

Um dos ganhos mais relevantes do uso de plataformas digitais está na geração de dados. Com elas, a gestão passa a ter acesso a informações como:

- Frequência de uso das atividades
- Desempenho por habilidade (leitura, escrita, escuta, fala)
- Evolução individual e por turma
- Pontos de maior dificuldade no currículo

Esse tipo de monitoramento é particularmente útil em redes que enfrentam desafios estruturais, como turmas heterogêneas e professores em diferentes níveis de experiência. Quando bem utilizado, o dado permite:

- Ajustes pedagógicos mais rápidos
- Direcionamento da formação continuada
- Identificação precoce de defasagens de aprendizagem

Ao mesmo tempo, é importante estabelecer um limite claro: tecnologia não substitui mediação pedagógica. Plataformas ampliam possibilidades, mas a qualidade da aprendizagem depende da condução do professor e da consistência do currículo.

Em síntese, quando integrados, acompanhamento pedagógico, recursos didáticos e plataformas digitais formam um sistema de sustentação do programa, necessário em redes públicas que lidam com escassez de profissionais, restrições orçamentárias e alta variabilidade de contexto escolar.

Considerações Finais



A importância da continuidade das políticas educacionais

A implantação de um programa bilíngue é apenas o início. O verdadeiro impacto está na sua continuidade.

Políticas educacionais consistentes exigem:

- estabilidade ao longo das gestões
- institucionalização dentro da rede
- compromisso com evolução contínua

Sem continuidade, projetos inovadores se tornam ações isoladas, sem escala e sem legado.

A experiência de Pilar deixa claro:

o que transforma a educação não é a implementação — é a sustentação ao longo do tempo.

O papel da liderança política e pedagógica

Nenhuma política educacional inovadora se sustenta sem liderança.

A liderança política é responsável por:

- tomar a decisão inicial
- garantir prioridade na agenda pública
- viabilizar recursos e articulações

Já a liderança pedagógica garante:

- qualidade na execução
- coerência entre proposta e prática
- desenvolvimento contínuo da equipe

Quando essas duas frentes atuam de forma alinhada, o programa deixa de ser uma iniciativa pontual e passa a ser uma política estruturada.

Sem liderança, não há direção. Sem direção, não há resultado.

O futuro da educação bilíngue na rede pública brasileira

A educação bilíngue tende a deixar de ser diferencial para se tornar necessidade.

Em um mundo cada vez mais conectado, oferecer acesso a uma segunda língua:

- amplia oportunidades
- reduz desigualdades
- fortalece o desenvolvimento social e econômico

*A experiência de municípios como Pilar sinaliza um caminho possível: **levar uma educação de alto nível, antes restrita à elite, para dentro da escola pública.***

O desafio daqui em diante não é mais provar que é possível.

É escalar com qualidade, mantendo consistência e propósito.

O futuro da educação pública passa por escolhas como essa.

E, como este manual demonstra:

tudo começa por uma decisão.



Systemic
The Bilingual Program